

ÍNDIOS

ENFEITES OU PROGRESSO?

"O Índio tem direito de ser civilizado" é a tese do conhecido etnólogo brasileiro salesiano Alcionílio Brüzzi Alves da Silva, (que neste ano completa 50 anos de sacerdócio, em plena selva amazônica, onde continua sua missão inestimável de preservar a verdadeira cultura indígena), contra aqueles que julgam ser o índio uma raça inferior que deva ser destruída, ou, quando muito, segregada em "reservas". A maturação dos primitivos para a civilização através da escola: eis o método seguido pelos missionários salesianos, no Brasil como alhures.



Há, hoje, relativamente ao índio, duas atitudes apostas, igualmente erradas.

Envergonham-se alguns por ainda haver em sua pátria tribos indígenas, raça que consideram inferior e prejudicial e que deveria ser exterminada por todos os meios, violentos ou não, meios de que dispõe a nossa "civilização".

Em 1974, uma das mais divulgadas revistas brasileiras sacudiu o País com reportagem sobre índios antropófagos, com documentação fotográfica mostrando seres tão esqueléticos como os dos campos de concentração nazistas ou comunistas. Estando eu nessa ocasião no Centro de Belo Horizonte, dois mocinhos, boa classe média e cultos, folheavam a citada revista, e seus olhos caíram sobre as fotos. "Veja que coisa horrível", exclamou bem alto um deles. "É inútil esperar por mais tempo com esses índios. Com essas tribos não há nada a fazer! O governo deve é eliminá-las com armas de fogo".

Outros, ao invés, têm parecer total-

mente oposto a essa indiofobia. Segundo eles, o índio não só tem o direito de viver, mas também de permanecer em seu estado primitivo. Para essa finalidade dever-se-iam criar grandes reservas indígenas, nas quais os turistas e estudiosos pudessem ter a satisfação de observar e estudar um tipo de humanidade e vida que se adentra por séculos no passado.

É uma idéia que poderia parecer inspirada em verdadeiro amor pelos índios, mas que, ao contrário, não é menos desumana e perniciosa que a precedente. O espírito anticristão de nosso tempo, como observou Alexandre Herculano, "deslocou o amor à Humanidade do coração para a cabeça: trocou-lhe o nome cristão e inteligível de *caridade*, por aquele científico e ininteligível de *filantropia*".

Reunir indígenas em parques seria, em última análise, máscara racista, igual a que levou à destruição de tribos inteiras; seria verdadeira segregação racial, como se faz com animais raros, para satisfação intelectual dos estudiosos de antropologia

e etnografia ou para a curiosidade de turistas à procura de sensações raras ou lembranças excepcionais. O legítimo interesse da ciência pode ser muito bem satisfeito de outra maneira (como demonstra a monumental "Enciclopédia Bororo", que transmitirá aos séculos a identidade completa do índio primitivo). E não é lícito satisfazê-lo com o sacrifício da dignidade humana de inteiros grupos, que ainda hoje depreciativamente definimos "tribos selvagens". O egoísmo não se pode justificar nem mesmo sob o rótulo de egoísmo científico.

Fazer do índio um homem

Verdadeira e total prova de amor é "dar a vida por aqueles que se amam". É o caso do missionário, que deixa tudo para internar-se na floresta e partilhar a vida dos índios, superando dificuldades sem conta, físicas e psíquicas. Seu escopo não é o lucro, nem mesmo, ao menos em primeiro lugar, a ciência: propõe-se ele fazer do índio um homem, no

sentido pleno da palavra, cidadão do mundo e membro da Igreja. Além do que as contribuições científicas dos missionários são hoje de valor inestimável.

A melhor tradição cristã do Brasil rejeita a tão desumana quão cientificamente errada tese da superioridade da raça e opõe-se tanto à destruição quanto à conservação artificial do índio. Ao eslogão tendencioso "o índio tem o direito de permanecer índio" opõe-lhe programa muito mais nobre: "o índio tem direito de ser civilizado". Não seria política digna desse nome, política humana e cristã, fechar o índio em parques, abandoná-lo à sua pobreza e ignorância, excluí-lo do banquete da civilização, sob pretexto de respeitar-lhe a cultura. Ou, quando muito, deixar-lhe as migalhas que caem de nossa mesa, como aos cachorrinhos da parábola evangélica. Assiste-lhe o mesmo direito que a nós de sentar-se à mesa do progresso, comensal e parceiro de todos os homens do mundo, sem discriminação de espécie alguma.

Também para o indígena deve estar aberto o acesso à cultura. A medida que vão-se multiplicando as trocas culturais, essa vai perdendo cada dia mais suas diferenças nacionalísticas, regionais, ou raciais, para tornar-se simplesmente cultura, patrimônio universal de toda a humanidade.

A melhor defesa

Haja escolas também para os índios, como as que se encontram nos internatos das Missões Salesianas, às vezes abertas exclusivamente para eles. Escolas que tiveram os mais amplos elogios de homens altamente qualificados, como cientistas nacionais e estrangeiros, militares de alto escalão e políticos de primeira plana, como o ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, que as visitou com toda a atenção.

Há dois mil anos a Igreja vem educando a humanidade e, na sua bimbilénaria sabedoria e experiência, formou os futuros educadores, seus mesmos pastores, suscitando-os dentre a mesma grei que evangelizava. Em meio a todas as raças, soube ela formar seu clero indígena. Não só preparou vigários modestos, mas também bispos e professores universitários. No Colégio Cardinalício, ao lado de europeus e americanos, sentam-se indianos, chineses e africanos. Sem contar personalidades que se impuseram nos vários campos da cultura, provindos de raças julgadas inferiores.

A melhor defesa dos índios é dar-lhes, mediante a instrução e a educação, os meios com que possam eles mesmos tutelar seus próprios direitos, equiparados em tudo àqueles dos outros países civilizados.

Alcionílio Brüzzi Alves da Silva